CORDEL
ESTRANGEIRO
NATO
CÁRLISSON GALDINO

Creative Commons

- **Uso não-comercial** - Você não pode usar esta obra para fins comerciais.
- **Compartilhamento pela mesma licença** - Se você alterar, transformar ou criar em cima desta obra, você poderá distribuir a obra resultante apenas sob a mesma licença, ou sob uma licença similar à presente.

Cárlisson Borges Tenório Galdino

Cárlisson Galdino nasceu em 1981 no município de Arapiraca, Alagoas, sendo Membro Efetivo da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA) desde 2006, com a cadeira de número 37, do patrono João Ribeiro Lima.

Poeta, contista e romancista, possui um livro de poesias publicado em papel, além de dois romances, duas novelas, diversos contos e poesias publicados na Internet, em seu sítio pessoal: http://www.carlissongaldino.com.br/.

Como cordelista, iniciou publicando o Cordel do Software Livre, que foi distribuído para divulgação dos ideais desse movimento social.

Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Alagoas, onde hoje trabalha, é defensor do Software Livre e mantém alguns projetos próprios. Host

do podcast sobre política e notícias Politicast: http://politicast.info/.

Literatura de cordel é um tipo de poesia popular especialmente no Nordeste brasileiro. Tradição de Portugal, os livretos deste tipo de poesia eram vendidos em feiras, pendurados em barbante (ou cordel).

O cordel Estrangeiro Nato é escrito em quadras de versos em rima x-A-y-A, usando redondilhas maiores (versos de sete sílabas poéticas).

2005

Estrangeiro Nato

Ele se acorda bem cedo
Toma banho e café
Veste a roupa, escova os dentes
Sai de casa: vai a pé

Preferia ir a cavalo
Mas hoje não pode ser
Seu rei mandou uma ordem
Todos devem obedecer

Segue ao centro a passeio
Pois tem férias neste mês
Não tem nada pra fazer
Só o tédio outra vez

Porém tem uma surpresa
Não compreendeu direito
Por que droga de motivo
Todos falam de outro jeito

Nada faz qualquer sentido
Nessa terra ele nasceu
Essa terra não é disso
Todos falam como eu

Mas que cena tão estranha
Que terá acontecido?
Será que é só um sonho?
Se for, vai ser divertido

E seguiu pela cidade

Em profunda alegria

As pessoas estranhavam

Quando falava Bom Dia

Mas mesmo assim foi em frente

Não tinha nada a temer

Afinal era um sonho

O que teria a perder?

Finalmente viu a praça

Toda cheia de barracas

Lá o comércio seguia

Roupas, frascos, pêras, jacas

E por toda a cidade

Se notava já agora

Outra língua se falava

Não a mesma de outrora

Foi então que decidiu

Visitar seus conhecidos

Começou pelos feirantes

Pareciam possuídos

Começou a caminhar

Em direção a alguém

E então como é que tá?

Quanto aos negócios, vão bem?

A resposta tão maluca

Nem sequer se pôde ouvir

Mal saiam as palavras

Se lançou no chão a rir

E o feirante, em resposta

o desprezo recebido

Resmungou, virou o rosto

E à feira seus ouvidos

Ao notar que ri sozinho

Do chão ele, já sem graça

Se levanta e limpa a roupa

Então atravessa a praça

Tudo bem, infelizmente

Ele está de mau humor

Ontem era outra pessoa

Ria até perder a cor

Ora, mas o que que eu digo?

Isso aqui não é real

Pode ser bem diferente

Não precisa ser igual

Segue na sua jornada

Não resiste a uma risada

Quando ouve o seu povo

E não pode entender nada

Uma mulher vende roupas
Ele segue até ela
E levanta uma camisa
Está por quanto, donzela?

Porém ela não entende
O que o cavalheiro pede
Em um sorriso amarelo
Se desculpa e se despede

- Tudo bem, pois não faz mal
Ela não vai entender
Mas que custa ser gentil
Isso é fácil perceber

Um menino viu a cena
E segue o pobre coitado
Que olha todas as placas
Com ar de tão espantado

O alcança finalmente
Pergunta se tem dinheiro
Sabe por experiência
O nato que é estrangeiro

Tantos já vieram assim
Impossível que esqueça
Lhe responde simplesmente
Faz que não com a cabeça

O pivete, inconformado
A rir começa a gritar
Um menino malcriado
Não ganhou, pois vai xingar

Todos olham curiosos
Como tantas outras cenas
E não riem nem bronqueiam
São curiosos apenas

Ignorando o menino
Toma o rumo que seguia
Sem notar por um instante
O que o pivete vigia

Quem um pedinte se fez

Se mostra agora um ladrão

Num golpe de rapidez

Na carteira passa a mão

Tentando se defender

Do golpe de supetão

Se virando bruscamente

O assaltado vai ao chão

Mas que raio de pivete!

Como estamos hoje em dia!

Se não damos o que pedem

Nos tomam toda a quantia

E essa droga de cidade!
Tanto imposto nós pagamos
E por onde anda a guarda
Quando dela precisamos?

Mas que droga de pivete!
Olha só que arranhão!
Além de ter o dinheiro
Me arremessou contra o chão

Mas tudo isso é importante
Pois cheguei à conclusão
De que nem por um instante
Isso aqui foi sonho não

Se levanta da calçada
Do meio da tal cidade
Sua cabeça está pesada
Por tão pesada verdade

Mas algo ficou pendente
Só agora ele está vendo
A importância da pergunta
O que está acontecendo?

Se isso nunca foi sonho
Como agora descobri
Por que todos falam estranho
Como nunca ouvi e vi

Co'a pergunta sem resposta
Se dirige à capela
Chegou lá, ficou na escada
Ao Divino ele apela

Céus, o que está havendo?
Na cidade co'a minha gente
Qual o segredo horrendo
Que a fez tão diferente?

Para espanto do apelante
A resposta é alcançada
Vem de alguém não tão distante
Nenhuma beleza alada

Um mendigo, vejam só
Que da lembrança recobre
De quem sempre tinha dó
E deixava algum cobre

Se aproxima o pedinte
De quem pede explicação
E lhe traz da própria cinza
A chama à escuridão

- Meu amigo, o que houve
Co'esse povo de meu Pai?
Por que hoje só se ouve
Frases mortas, explicai!

- Sou um pobre, bem o sabes
Sou pedinte, todo dia
Às incríveis belas aves
Deixo o voo, a fantasia

- Que felicidade a minha
Ainda fala como eu
Mas a dúvida que tinha
Você não esclareceu

- Pois às aves a voar
Deixo a sabedoria
Mas eu posso relatar
Que foi da noite pro dia

- Meu amigo, obrigado
Isso quebra o meu galho
Só não lhe deixo um trocado
Por conta de um pirralho

- Mas espera, amigo, um pouco
Disse "Da noite pro dia"?
Estarão, portanto, loucos
Ou foi obra de magia?

- Ou ainda, bem não sei
Foi durante um certo banho
Que fez esta lei o rei
Sempre o vejo tão estranho...

- Calma homem, se acautele

O rei nada tem com isso

Nem tampouco a magia

Concluiu este serviço

- A invenção é do povo

Desde a invenção da roda

Falar desse jeito novo

Simplesmente virou moda.